

ISOLAMENTO FINAL: ENVELHECIMENTO E MORTE EM DOIS CONTOS DE CLARICE LISPECTOR¹

Benjamin Rodrigues Ferreira Filho²

Emily Victoria Moreno de Amorim³

Yasmin Resende de Arruda Chagas⁴

Resumo: Discute-se o envelhecimento humano a partir de dois contos de Clarice Lispector: “Feliz aniversário” e “Viagem a Petrópolis”. O tema das duas histórias – o envelhecimento – tem grande importância na história da literatura e aparece em mitos, canções, poemas, peças e narrativas. No artigo, são destacados aspectos que acompanham o processo do envelhecimento – restrições de sentidos e movimentos do corpo, isolamento social e solidão. No percurso do trabalho, as personagens Anita e Mocinha ajudam a pontuar questões como memória e relações familiares. No âmbito teórico, são tomados como referência autores, como Jurandir Freire Costa, Erving Goffman, Simone de Beauvoir, Eneida Gonçalves de Macedo Haddad, Marco Túlio Cícero, Michel Foucault e Norbert Elias. Propõe-se que o tema do envelhecimento seja levado para a sala de aula, lugar onde se podem tecer reflexões importantes sobre esse drama, em todos os níveis de ensino.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Educação; Vida; Envelhecimento; Morte.

Introdução ao isolamento final

Este artigo trata de uma delicada questão humana: o processo de envelhecimento e suas vicissitudes. A discussão se desenvolve principalmente a partir de dois contos de Clarice Lispector, “Feliz aniversário” (de *Laços de família*, publicado pela primeira vez em 1960) e “Viagem a Petrópolis” (de *A legião estrangeira*, publicado

1 Trabalho elaborado no contexto das atividades do Projeto de Pesquisa “Literatura e pensamento crítico”, desenvolvido na Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), e do Grupo de Pesquisa “Poder, Fronteira, Estratificação e Memória”, cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

2 Graduado em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde também cursou Mestrado em Estudos Literários; doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); professor do Curso de Letras – Língua Portuguesa da UFR; coordenador do Projeto de Pesquisa “Literatura e pensamento crítico”, desenvolvido na UFR. E-mail: benjamin.filho@ufr.edu.br.

3 Graduanda do curso de Letras – Língua Portuguesa da UFR; integrante da equipe do Projeto de Pesquisa “Literatura e pensamento crítico”, desenvolvido na UFR. E-mail: emily.moreno@aluno.ufr.edu.br.

4 Graduanda do curso de Letras – Língua Portuguesa da UFR; integrante da equipe do Projeto de Pesquisa “Literatura e pensamento crítico”, desenvolvido na UFR. E-mail: yasmin.resende@aluno.ufr.edu.br.

pela primeira vez em 1964). Embora esses dois contos assegurem a base literária da discussão, outras narrativas (de Clarice Lispector e de outros autores), além de mitos, poemas e canções, reforçam a ideia de que o tema do envelhecimento constitui um dilema do indivíduo e da humanidade.

O envelhecimento se inicia ainda nas origens da vida individual, visto que, no primeiro instante em que um ser nasce, o tempo de vida propende para esse processo. A percepção do (inexorável) envelhecer, entretanto, só é sentida por intermédio de sinais tardios emitidos pelo corpo. Quando a idade avança e o corpo sente as restrições dos sentidos e dos movimentos e sofre as dores do desgaste físico, o envelhecimento é, finalmente, tomado como uma realidade dolorosa. Mas não somente o corpo se resente do envelhecimento: também a mente é abateda pela percepção da irreversibilidade do processo e pelo paulatino sentimento de isolamento e solidão; ademais, o cérebro pode ser atingido, surgindo então problemas que comprometem a memória, o raciocínio, a linguagem e a comunicação. No fim de tudo, o que se tem é o fato de que o envelhecimento sinaliza a aproximação da morte.

De várias maneiras, a arte expressa esses grandes dilemas – o envelhecimento e a morte. Particularmente, a literatura possui um leque de textos que abordam o assunto, destacando sentimentos que acompanham os dois processos fisiológicos que, tomados de maneira geral, atingem profundamente o indivíduo, o qual, no fim, está sozinho na vivência orgânica do envelhecimento e da morte.

A partir de diferentes perspectivas, “Feliz aniversário” e “Viagem a Petrópolis” trazem questões e dilemas que acompanham o envelhecimento. Os contos dialogam entre si ao tratarem da solidão de duas senhoras, Anita e Mocinha, de classes sociais distintas. A solidão das duas protagonistas expressa a solidão de uma multidão de idosos.

O envelhecimento constitui um tema complexo, abordado em diferentes vertentes culturais (filosofia, psicologia, sociologia, história, mitologia, religião) e sob diferentes pontos de vista (saúde e bem-estar, política, estatística, economia – e ainda outros), de acordo com os propósitos de indagação. Considerando o âmbito do Ensino, essas questões, suscitadas pelos contos, podem provocar discussões pertinentes, em sala de aula, possíveis tanto em estudos universitários como no âmbito do Ensino Médio, e mesmo no contexto do Ensino Fundamental, pois a leitura pode instigar debates sobre velhice e morte em várias esferas: subjetiva, familiar, social – o que leva o leitor a considerar criticamente, no que diz respeito principalmente ao Brasil, à administração política, à saúde pública, à previdência social e o respeito pela vida, em termos gerais. A problemática, disposta nos contos, pode interessar a diversas idades, pois crianças, jovens, adultos e idosos convivem entre si, em relações mais ou menos pacíficas, pelo tempo afora, enfrentando as vicissitudes da vida. Todos são assaltados pelos enigmas esfíngicos da existência, pelas pressões de ordem social, pelo poder político, pela força econômica e pelos efeitos do transcurso do tempo.

Cabe ainda lembrar que vários outros textos de Clarice Lispector abordam o tema do envelhecimento, por exemplo: “O jantar” (de *Laços de família*), “A procura de uma identidade” e “A partida do trem” (de *Onde estivestes de noite*), “Ruído de passos” e “Mas vai chover” (de *A via crucis do corpo*). Dessa recorrência, pode-se inferir que o tema é caro à escritora, a qual trata com sensibilidade o drama da solidão que abate a pessoa humana na proximidade da morte. Os limites deste trabalho não permitem explorar o jogo de relações entre todas essas narrativas, mas o leitor pode verificar os vínculos semânticos e formais que apresentam entre si. Nas linhas deste artigo, a atenção se volta para os dois núcleos de discussão, “Feliz aniversário” e “Viagem a Petrópolis”.

1 A festa de Anita

A narrativa “Feliz aniversário” traz a história de uma aniversariante, Anita, que completa oitenta e nove anos e recebe filhos, noras, netos e bisnetos para uma festa insossa, artificial e constrangedora, feita para a comemoração. Ela fica “posta à cabeceira” da mesa, cercada da família que simula alegria e dissimula simpatia e carinho, esperando todos que a cerimônia obrigatória acabe logo, para que retomem os afazeres do dia a dia. Enquanto a encenação da festa de aniversário se arrasta, a velha senhora cumpre o seu papel (primeiro, quase indiferente; mas, depois, ostensivamente contrafeita; e, a seguir, de volta ao torpor), ficando “posta” como um bibelô: “Os músculos do rosto da aniversariante não a interpretavam mais, de modo que ninguém podia saber se ela estava alegre. Estava era posta à cabeceira. Tratava-se de uma velha grande, magra, imponente e morena. Parecia oca” (LISPECTOR, 2016, p. 181).

Quem é Anita? O leitor não pode saber muito, mas tem algumas pistas. Ela é idosa e precisa de cuidados. Mora com a filha (Zilda), que ficou incumbida de cuidar da mãe e assume essa responsabilidade: “a única mulher entre os seis irmãos homens e a única que, estava decidido já havia anos, tinha espaço e tempo para alojar a aniversariante” (LISPECTOR, 2016, p. 179-180). Todos os outros filhos de Anita se apresentam como muito ocupados e indisponíveis. Em um lampejo de consciência, despertando de uma espécie de dormência, Anita olha sem ternura para os familiares. Apenas um lhe agrada, o neto Rodrigo; por todos os outros sente desprezo. É, afinal, uma senhora conservadora, decepcionada quanto à postura da prole: “O rancor roncava no seu peito vazio. Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas. Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família” (LISPECTOR, 2016, p. 185).

Anita demonstra sua insatisfação com um gesto explícito e simbólico: “Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão” (LISPECTOR, 2016, p. 185). Chama de “comunistas” os parentes, que considera medíocres, interesseiros e errados. Usa a palavra “comunistas” sem pensar, criticamente, no seu contexto histórico, nos seus sentidos filosóficos, na problematização econômica

que supõe ou na dimensão utópica que apresenta. Usa a palavra “comunistas” a partir de um sentido negativo imediato, assustador, forjado pelo poder. Anita tem medo do lobo mau e tem senso de justiça. É claro que Clarice Lispector, ao acionar a palavra, coloca em questão, para o leitor, o problema filosófico que Karl Marx e Friedrich Engels lançaram no século XIX: a exploração econômica do trabalhador e a luta pela igualdade no contexto social. Já no próprio manifesto é identificada a campanha contra “o espectro do comunismo” e a disseminação da “pecha infamante de comunista” (MARX; ENGELS, 1998, p. 39). Apesar de ser uma idosa silenciosa que necessita de cuidados, Anita ainda apresenta as credenciais do “adulto domesticado”, cujo modo de ser e cuja vida “foram socialmente produzidos com fins político-econômicos precisos” (COSTA, 1979, p. 200).

Na reunião familiar de seu aniversário, embora quase apagada, Anita está segura de suas certezas, tem firmeza moral e exige ordem doméstica e social. Longe de serem “comunistas”, seus parentes estão completamente imersos numa vida material dentro da qual tentam se estabelecer. Um de seus filhos (Manoel), meio tímido e completamente submisso, tenta insistentemente insinuar interesses financeiros que tem junto ao irmão (José), seu sócio, que o reprime. No fim da vida, a pobre senhora está reduzida, afinal, a uma cidadã comum manipulada pelo poder, uma pessoa banal que a família já considera vencida. A momentânea percepção da aniversariante não a leva à brandura, porque está descontente e se vinga, de alguma maneira, daqueles que a suportam e querem se ver livres dela: o aniversário é um aborrecimento e todos esperam pela despedida, até o próximo ano (se ela sobreviver).

Anita, em seu aniversário, cumpre o seu papel, até que a cena planejada no roteiro geral da família escapa ao controle. Não sem desprezo e rancor, a velha matriarca participa de seu próprio aniversário, planejado, montado, como cena afetada, construída para cumprir um ritual exigido no contexto doméstico. Bem como Erving Goffman (1999, p. 9) pontua: no “cenário social”, cada indivíduo expõe “a si mesmo e as suas atividades às outras pessoas”; modera, “dirige e regula a impressão que formam a seu respeito”, planejando efeitos, “enquanto realiza seu desempenho”. A representação social que Erving Goffman (1999) identifica no cotidiano pode ser percebida no conto, no recinto familiar. O desempenho dos personagens, entretanto, não é dos melhores, pois não fica escondido, afinal, nem para eles, nem para o leitor, o fingimento de cada atuação. E como as relações familiares não são das melhores, todos vivem, durante a festa, o embaraço de estarem juntos, de se suportarem pelo pouco – porém arrastado e longo – tempo de duração da formalidade.

2 A viagem de Mocinha

Em “Viagem a Petrópolis”, tem-se o impasse de uma senhora que vive de favor em uma casa, na qual, de repente, passa a ser vista como um estorvo; e

então o grupo familiar da residência planeja e executa uma operação de despejo. A pobre senhora é levada a Petrópolis, à casa de outro membro da família, pois assim o grupo executor do plano espera simplesmente transferir a “hóspede” de um endereço para outro; mas ela não é aceita na outra casa. No conto, embora indefinida e meio fantasmagórica, toda a história de vida da senhora vem à tona, seu passado, suas andanças erráticas, sua situação atual. Enquanto a vida escorre, de maneira imperceptível, ela vai envelhecendo, se aproximando da morte, dependendo das pessoas; até que, sem ter ninguém que interceda por ela ou que lhe faça companhia, esteja só, no meio da rua, sem saber para onde ir nem o que fazer. Envelheceu em um mundo imprevidente. E agora zanza, distraída, esperando nada a não ser a própria morte.

A protagonista de “Viagem a Petrópolis” é uma senhora solitária, que depende da benevolência dos outros. Quem é ela? Logo no começo do conto, o narrador já expõe o seu drama: “Era uma velha sequinha que, doce e obstinada, não parecia compreender que estava só no mundo” (LISPECTOR, 2016, p. 316). Ela não precisa de muito para viver: come pouco, só necessita de um parco espaço. Gosta muito de passear: desliza pela cidade, admirando a paisagem, as pessoas e as coisas. É simpática, bondosa, gentil, distraída. Interrogada quanto a seu nome, primeiro responde: “Mocinha”; somente depois revela o nome de registro: “Nome, nome mesmo, é Margarida” (LISPECTOR, 2016, p. 316).

Quem é Mocinha? Uma pessoa cujo passado foi obliterado, cujo presente desaba e cujo futuro se extingue. Sua vida é apagada, e é com trabalho que o leitor consegue reconstituir, vagamente, os capítulos esparsos de sua história pessoal. Nasceu no Maranhão. Foi levada para o Rio de Janeiro por uma conhecida, que tinha a intenção de interná-la em um asilo. O internamento não foi realizado; então a conhecida seguiu para Minas Gerais e doou um pequeno valor para Mocinha procurar se manter na nova cidade. Em sua condição social, Mocinha depende de caridade e até recebe esmola. Sua memória, embora embotada, aciona, da distância obtusa, algumas lembranças: um filho (Rafael), morto por atropelamento; uma filha (Maria Rosa), que morreu durante um parto; o marido (anônimo, no conto), um trabalhador desvalorizado. A memória falha. O passado, como revivê-lo, como agarrar-se a ele, se ele se desvanece? Segundo as observações de Simone de Beauvoir (2018), o passado é um dos maiores tesouros dos idosos, pois seu presente é fugaz e resta pouco tempo para o futuro; praticamente a vida toda está situada no passado. No caso de Mocinha, entretanto, o passado está quase dissipado; é com dificuldade que ela o evoca, turvo, indistinto. Suas lembranças são inexatas e cabem muito bem, para o caso da personagem, as observações de Simone de Beauvoir (2018, p. 222) para lembranças custosas de idosos, que “desmoronam, são nebulosas, inconsistentes, provavelmente falsas”; e também para a memória quase extinta: “A vida é apenas a memória que temos dela, e a memória não é nada”, escreve a filósofa, que ainda afirma: “Este nada ocupa tempo, o tempo corre, sem, entretanto, ir a lugar algum; movemo-nos sem cessar, e, nessa viagem sem

destino, permanecemos imóveis”. Mocinha já não se vale de seu passado, nem de sua memória; come, bebe, veste-se, passeia, de maneira quase inconsciente; vive quase em suspensão; necessita da ajuda alheia. No último lar em que se instalou, cansaram-se dela e a despacharam; não foi aceita na residência na qual tentaram despejá-la. Expulsa, sem ter para onde ir, ainda contempla a paisagem de Petrópolis, as árvores, o céu, os passarinhos, os abismos. Cansada, senta-se a uma pedra – e morre, ainda contemplativa. Cabe ao leitor pensar sobre o abrangente simbolismo de sua morte.

3 Solidão e envelhecimento

A solidão assinalada – “não parecia compreender que estava só no mundo” – é recorrente nos contos de Clarice Lispector: “Nunca ninguém vai me ajudar, nunca ninguém vai me amar! Estou sozinha no mundo!” (LISPECTOR, 2016, p. 216 – do conto “Preciosidade”); “Uma galinha é sozinha no mundo” (LISPECTOR, 2016, p. 423 – do conto “Uma história de tanto amor”); “Estou sozinha. Sozinha no mundo e no espaço” (LISPECTOR, 2016, p. 560 – do conto “Por enquanto”); “Eu estava sozinha no mundo” (LISPECTOR, 2016, p. 591 – do conto “Brasília”). Há outras incidências de tal solidão nos escritos de Clarice Lispector – uma solidão imediata, pessoal, familiar, social, planetária, cósmica.

Quanto ao nome – “Nome, nome mesmo”, fator muito importante na sociedade para o sentimento de identidade e para a noção de subjetividade –, tanto em “Feliz aniversário” quanto em “Viagem a Petrópolis” é um elemento semântico relevante para a leitura. Em “Viagem a Petrópolis”, os nomes (nome próprio e apelido) da personagem principal remetem, ironicamente, à juventude e ao viço: “Margarida”, nome de uma flor, e “Mocinha”, duplamente relacionado à mocidade, pela evidência do sentido imediato e pela incidência do diminutivo. Em “Feliz aniversário”, a protagonista é predominantemente chamada de “aniversariante”, mas também de “velha”; somente uma vez o seu nome – “Anita” – aparece, pronunciado, lateralmente, por uma vizinha. O teor irônico e a quase ausência de cada nome indicam a dificultosa identidade das personagens, como se individualidade, subjetividade e identidade fossem mais complexos e se apagassem ainda mais na velhice e as senhoras se reduzissem a objetos, coisas, trastes.

O envelhecimento, como tema e como problema, pode ser identificado ao longo da história, aparecendo na mitologia, na Antiguidade, na Idade Média, na modernidade e nos dias atuais. Apenas como exemplos (afinal um amplo mapeamento poderia ser feito nessa linha de discussão), podem ser citados: 1. No tempo mítico, o caso de Titono. 2. Na Antiguidade, a peça *Alceste*, de Eurípedes. 3. Na Idade Média, uma cantiga satírica, “Ai dona fea, fostes-vos queixar”, de João Garcia de Guilhade. 4. Em pleno “Século das Luzes”, a *História de Gil Blas de Santillana*, de Alain-René Lesage. 5. Na atualidade, a canção “O velho”, de Chico Buarque de Hollanda; os contos “A matéria do sonho” (de *Lúcia McCartney*) e “O

livro de panegíricos” (de *Romance negro e outras histórias*), de Rubem Fonseca; e o filme *Parente é serpente*, de Mario Monicelli. São apenas alguns exemplos, para que o leitor visualize, em um rápido relance, a permanência deste tema ao longo da História. Em *A velhice*, Simone de Beauvoir apresenta um grande painel de obras literárias e de outros documentos culturais que se referem ao envelhecimento; e discute também o assunto em perspectiva histórica.

O tema dos dois contos é a velhice – um problema humano, não apenas individual, mas também familiar e social. Não é simples aceitá-la, tampouco vivê-la, pois é uma fase da vida que vem acompanhada do enfraquecimento do corpo e é seguida da morte.

No mito de Titono (BEAUVOIR, 2018; BULFINCH, 2018; RAGUSA; BRUNHARA, 2021; RIBEIRO JUNIOR, 2010), surgem vários problemas: o desejo de conservação da existência biológica; a negação da velhice e da morte; as consequências de um prolongamento persistente, insistente, da vida. A Titono foi concedida, por Zeus, a pedido de Eos (Aurora), a imortalidade, já que a deusa, imortal, apaixonou-se pelo homem, mortal, e queria tê-lo sempre junto a si. Em sua solicitação, Eos, por esquecimento, não incluiu a manutenção da juventude, então Titono envelhece progressivamente, sem poder morrer. A idade avançada e seus efeitos sobre o corpo levam-no à decrepitude, sob o olhar da deusa; e ele, cada vez mais, vai ficando enrugado, diminuindo de tamanho. Enfim, por piedade, é transformado em uma cigarra. Um fator que chama a atenção é que não é o próprio Titono que pede a imortalidade; o pedido é alheio e ele paga o preço do atendimento. O mito levanta, assim, a questão do desejo, por parte de alguém, de impedir a morte de um ente querido: esse intento é compreensível, mas tem que ter um limite, já que a mortalidade faz parte da própria condição biológica. A vida prolongada, além de certo ponto, tem como consequência o abatimento progressivo da pessoa, o que pode implicar uma grande carga de sofrimento e até certo grau de rejeição familiar e social.

Em *Alceste* (*Alcestis*, na edição espanhola usada), o tema da negação da morte retorna. Admeto, marido de Alceste, recebe das Moiras, por intervenção de Apolo, o dom de conservar a sua vida, no momento chegado de sua morte, caso alguém se disponha a morrer por ele. É óbvio que, querendo manter-se vivo a qualquer custo, Admeto procura um voluntário para seguir em seu lugar para a morada dos mortos. Possibilidades imediatas, seu pai e sua mãe não admitem substituí-lo. É Alceste que se sacrifica pelo marido. Admeto fica furioso porque seu pai não aceita morrer por ele, tampouco sua mãe. Embora velhos, ambos se sentem saudáveis e amam a vida o suficiente para não abrirem mão dela nas circunstâncias postas. A peça de Eurípidés traz claras acusações a Admeto: de que é ingrato e egoísta quando quer que seu pai morra por ele ou que sua mãe aceite falecer em seu lugar; de que é covarde, por temer a morte, por não assumir no tempo certo a ela destinado. Quanto a Admeto, nutre ódio por seu pai e por sua mãe, por não abrirem mão da vida, ainda que velhos. Admeto entende que ou o pai ou a mãe poderia morrer: não haveria prejuízo – em nem um dos dois casos.

E então, novamente, vem a questão: “Não ligue, que a morte é certa” (SAMPAIO, 2001, f. 4). A morte é certa, mas há pessoas que vivem bem, ou vivem muito. E sempre querem viver. José Saramago (1997, p. 43) observa que ninguém quer morrer, tenha a idade que tiver: “Morre-se sempre demasiado cedo, ainda que seja aos oitenta anos”. No entanto, neste mundo funcional e produtivista, os velhos não são bem aceitos, pois são tidos como improdutivos e trabalhosos. Na correria do dia a dia, tendo que dar conta de trabalho e economia doméstica, as pessoas, geralmente, não têm tempo para dedicar aos velhinhos, não têm paciência, muitas vezes, para lidar com suas necessidades e limitações, e, então, eles são vistos como criaturas já vencidas, importunas, que incomodam por permanecerem vivas além da conta. Essa linha de ideias está presente tanto em “Feliz aniversário” como em “Viagem a Petrópolis”; também aparece no filme de Mario Monicelli, *Parente é serpente*, no qual os familiares querem se livrar dos velhos pais – e acabam por provocar sua morte; e pode ainda ser detectada no discurso político-econômico acerca da previdência social (BEAUVOIR, 2018; HADDAD, 2017).

Na cantiga satírica “Ai dona fea, fostes-vos queixar”, de João Garcia de Guilhade⁵, tem-se o quadro no qual uma velha se queixa ao trovador por não ser homenageada em suas cantigas, provavelmente as de amor. Então o poeta atende ao seu pedido e compõe uma cantiga – de escárnio/maldizer – chamando a atenção para sua feiura e para sua loucura, a sandice, para ele, de querer ser bonita e amada, sendo uma velha. É ofensivo alguém usar essas imagens, mas elas são acionadas pelo poeta e elas pertencem, sabe-se bem, ao contexto social e à história das sociedades. Indicam a intolerância das pessoas com o idoso, com o afeto senil, com o direito ao amor e ao sexo na velhice, o que também aparece na *História de Gil Blas de Santillana*, de Alain-René Lesage (1999, p. 290): “‘Grande Deus!’, disse eu logo comigo, ‘por que se não persuadirão os rapazes de que são amados, quando este velho carcomido e carunchoso se persuade de ser adorado de uma rapariga?’”.

A canção “O velho”, de Chico Buarque de Hollanda, traz, vinda de um eu lírico jovem, a reclamação, dirigida a uma pessoa idosa, contra a autopreservação. A voz da juventude reclama que sua própria vida provavelmente acabará na mesma situação. Então a discussão é a seguinte: convém guardar-se, ao longo da vida, afastando-se de atividades consideradas nocivas? Vale a pena percorrer a vida esquivando-se da brincadeira, da festa, do carnaval? A prudência de não se comprometer nem se entregar é realmente necessária? Esquivar-se de dívida, saldo, rival ou amizade é apropriado, afinal? E eis que vem outra indagação: faz sentido se eximir de aproveitar a vida para garantir uma velhice saudável? Na canção, esse propósito de abnegação não ganha a adesão do eu lírico, apesar de este reconhecer que acabará na mesma estrada. Dizer “Não, foi tudo escrito em vão e eu lhe peço

5 GUILHADE, João Garcia de. Ai dona fea, fostes-vos queixar. In: Lopes, Graça Videira; Ferreira, Manuel Pedro et al. (2011-), *Cantigas Medievais Galego Portuguesas* [base de dados online]. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. Disponível em: <https://cantigas.fchsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1520>. Acesso em 28/02/2023.

perdão / Mas não vou lastimar” (HOLLANDA, 1997, f. 7) significa demonstrar o quanto é lastimável uma vida que foi tão contida (austera?). A letra da canção remete à dinâmica da vida: a vida, cheia de mistérios, casualidades, desafios, feita de impulsos, sensações e possibilidades – orgânica, pulsante. Passageira, a vida interroga, silenciosamente, o que será feito dela. Vem de uma determinação moral abrangente a recomendação (ou exigência) de uma juventude (de toda uma vida) contida e “virtuosa” para uma velhice segura, a exemplo de Cícero (2021) ou do discurso da medicina social (COSTA, 1979; FOUCAULT, 1985; HADDAD, 2017). Uma norma moral, restritiva, coercitiva, impõe as regras de conduta (FOUCAULT, 1985); um poder disciplinar, fundamentado em regulamentos, inspeções, controles, produz os “corpos dóceis” (FOUCAULT, 1999). Quanto a Cícero e a seus pressupostos para uma velhice feliz, Simone de Beauvoir (2018) observa, mais de uma vez, como a moralidade do filósofo desconsidera as condições de vida da maioria das pessoas: o ponto de vista de Cícero é o de um homem rico, estável, magistrado eloquente, político poderoso, que escreve sempre supondo um estado de conforto para uma espécie de fruição da velhice (mas que acabará assassinado, pois não escapará das intrigas políticas – portanto não usufrui de condições tão estáveis assim, em uma Roma tão instável).

Os contos “A matéria do sonho” e “O livro de panegíricos”, de Rubem Fonseca, também são pertinentes quanto à discussão do tema do envelhecimento. “A matéria do sonho” apresenta a história de um jovem encarregado de cuidar de um velhinho frágil e debilitado (seu Alberto). É preciso: “dar banho nele, mudar-lhe a roupa, dar-lhe comida, colocá-lo na cadeira de rodas e passear” (FONSECA, 1999, p. 135). O jovem desenvolve filial afeto por seu Alberto e por sua companheira, dona Julieta: “Querida ser filho dos dois velhinhos” (FONSECA, 1999, p. 135), mas acaba precisando partir, envergonhado por ter sido flagrado, pelo filho do casal, em um momento íntimo. Vai embora após uma chorosa despedida, porém fica avaliando em segredo se seu substituto merece confiança. A narrativa expõe a questão da necessidade de cuidado na velhice, mostra que a situação é desgastante e que é necessário haver afeto no cuidar. Já o conto “O livro de panegíricos” dispõe a vida de um velho privilegiado, rico, mas abandonado por todos, em sua velhice desprezada. Ele já não se atém à vida, já não a preza; mas sua família percebe que seu suicídio é iminente e tenta impedi-lo. Um homem é contratado para cuidar dele e evitar o gesto fatal. Apesar de demorar a conceder os meios para o plano funesto, o “cuidador” facilita, finalmente, o suicídio. Então, tem-se algumas interrogações. Pode-se exigir de alguém que já desistiu de viver que preserve sua condição biológica? Até que ponto convém agarrar-se à vida? A pessoa tem o direito de assentar o ponto final em sua existência, considerada dispensável ou já entendida como tempo de prorrogação inútil? Uma nota, ainda: a personagem que oferece seus cuidados aos idosos, nos dois contos, é o mesmo, sempre em estado de instabilidade social e aflição psicológica (FERREIRA FILHO, 1999 – especialmente o capítulo “José: descaminhos da leitura”).

Querer viver e ter os dias contados. Enfraquecer e definhar com o avanço da idade. Precisar de cuidados. Perceber-se como incômodo para os outros, por dependências que envolvem necessidades básicas e higiene. Como indivíduos e sociedades enfrentam o problema do envelhecimento? Como a pessoa que envelhece e se aproxima da morte encara sua situação? São velhas questões, ligadas ao envelhecimento e à morte, que emergem desde sempre, ao longo da história. Repetem-se porque são imanentes, porque acometem, porque são inevitáveis, porque explodem, violentas.

As protagonistas dos dois contos de Clarice Lispector, aqui estudados, são mulheres, Anita e Mocinha. As narrativas dispõem, para o leitor, mulheres idosas vivendo o isolamento, no contexto da sociedade brasileira.

4 Solidão feminina

A velhice é desvalorizada no mundo contemporâneo. As pessoas mais velhas são geralmente rejeitadas pela sociedade, não tendo mais o mesmo prestígio dos tempos antigos, se é que foram prestigiadas. Pode-se notar, ao longo do tempo, o grande destaque dado para a aparência das pessoas e também para a sua condição financeira, não para a experiência adquirida no decorrer da vida. Realmente, a idade se torna um problema cada vez mais presente nos dias atuais: “Com relação às pessoas idosas, essa sociedade não é apenas culpada, mas criminosa. Abrigada por trás dos mitos da expansão e da abundância, trata os velhos como párias” (BEAUVOIR, 2018, p. 8).

Em *A ciranda das mulheres sábias*, é destacada a importância da relação entre a mulher jovem e a mulher mais velha. Clarissa Pinkola Estés, a autora, psicanalista, discute o quanto é fundamental a presença feminina de uma idosa na vida de uma jovem. Ela ilustra que, quando se pensa em lendas e mitos e se imagina uma moça jovem em uma situação desafiadora, dificilmente se vê um príncipe aparecendo para ajudá-la, e sim uma “velha sábia”, que surge e auxilia a moça a encontrar seu caminho (ESTÉS, 2007, p. 17-18). Essa mulher idosa, que surge repentinamente, pode ser vista como uma grande mãe, uma avó, uma anciã, que tem sabedoria para aconselhar a moça perdida, ingênua, que ainda não consegue seguir “o que sua alma sabe” (ESTÉS, 2007, p. 18); quanto aos heróis dos contos de fadas: “Os príncipes são bons. Os príncipes podem ser excelentes, mas, com frequência, nos mitos, é a velha que tem algo de realmente bom a dar” (ESTÉS, 2007, p. 18). O arquétipo da velha sábia está ligado à força vital feminina e pode aproximar da realidade subjetiva e social questões primordiais presentes nos mitos. A relação entre a mulher jovem e a mulher idosa aciona, para ambas as partes, um conhecimento intuitivo, que se perde no tempo e na vida, uma força orgânica e telúrica. A autora destaca o grande valor das mulheres mais velhas, vigorosas, vistas como maduras e sábias, que também são afetuosas e oferecem orientação para que as jovens floresçam.

Essa força ancestral, essa energia arquetípica, esse poder vital feminino estão ausentes das vidas das protagonistas dos contos “Viagem a Petrópolis” e “Feliz Aniversário”, nos quais, criticamente, a mulher idosa aparece como uma pessoa posta de lado, inativa. Num mundo desencantado, produtivo e consumista, sua vida foi banalizada, sua ação foi reduzida a um automatismo social comum, e a mulher idosa pessoalmente é considerada desnecessária. Sem nenhuma autonomia, a idosa vive um resto de vida, imersa na alienação. Isto vale para os dois contos, mas há diferenças.

Quanto ao dilema vivido pela personagem Mocinha, no conto “Viagem a Petrópolis”, ela se dispersa em resquícios de suas memórias, em acontecimentos perdidos do passado. Lembra-se de quando vivia com seu marido e seus filhos; mas a atenção do leitor pode observar que os afetos familiares estão quase dissipados, assim como todo o seu passado. Volta à lembrança dificultosa a época em que era mais jovem, vigorosa e vibrante, sem os traços da velhice:

Então uma coisa muito curiosa, e sem nenhum interesse foi iluminada: quando ela era ainda uma mulher, os homens. Não conseguia ter uma imagem precisa das figuras dos homens, mas viu a si própria com blusas claras e cabelos compridos. A sede voltou-lhe, queimando a garganta (LISPECTOR, 2016, p. 324).

Junto a uma vitalidade já pretérita e a uma energia sexual que retorna e dá o seu sinal, percebe-se a valorização da aparência jovem e do que é considerado bonito. A sexualidade da pessoa idosa surge como problema. Mocinha está na estrada de Petrópolis, admira a paisagem e fica encantada com a beleza do ambiente, já perto de morrer, quando recorda a si mesma, como mulher jovem. Deseja, porventura, voltar a esse tempo, levando, possivelmente, em consideração mais sua aparência (“quando ela era ainda uma mulher”) do que sua experiência de vida, tão sofrida, tão diminuta e sumida afinal.

Também ganha destaque, na passagem, o cabelo feminino. O cabelo da mulher, culturalmente, representa em alto grau sua própria feminilidade, sua beleza, sua sensualidade. As transformações físicas – do corpo, da aparência, dos longos e belos cabelos com sua cor natural – podem provocar na mulher preocupação e desconforto, já que a sociedade discrimina a aparência das pessoas idosas. No caso feminino, toda a atenção recai sobre a juventude; o corpo idoso é quase desconsiderado. O autocuidado, para as mulheres idosas, no entanto, não está descartado, apesar da discriminação. É a própria Mocinha que, pouco antes de ser levada a Petrópolis, solicita um tempinho para se arrumar melhor: “Inesperadamente Mocinha pediu uns instantes para pentear os cabelos. As mãos trêmulas seguravam o pente quebrado. Ela se penteava, ela se penteava. Nunca fora mulher de ir passear sem antes pentear bem os cabelos” (LISPECTOR, 2016, p. 319).

A valorização da aparência é realçada em outro sentido, como vaidade e como exibição social, no conto “Feliz Aniversário”. Na festa encenada pela família,

filhos, noras, netos, bisnetos, todos estão vestidos com esmero, pois fica evidente a competição: “Os que vieram de Olaria estavam muito bem-vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana”; “esta vinha com o seu melhor vestido”; “acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas em babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata” (LISPECTOR, 2016, p. 179).

Em “Viagem a Petrópolis”, a juventude retorna, na memória; ressurgem o momento em que Mocinha sentia que era uma mulher bonita e sedutora. Notemos, ainda uma vez, a marcação do narrador: “quando ela era ainda uma mulher” – há uma censura social contra a sexualidade dos idosos, mais ainda no caso das mulheres. Naquela fase da vida, ela, possivelmente, não se sentia tão sozinha, rejeitada e carente como em sua velhice. Agora, mesmo sendo tão distraída, é atingida pela rejeição.

Simone de Beauvoir comenta que é muito comum ver meios de entretenimento diretamente destinados ao público mais jovem, como crianças, adolescentes e adultos; já com os mais velhos não existe a mesma preocupação: os idosos são ignorados pela sociedade em geral. Segundo a autora, “os velhos não têm nem as mesmas necessidades nem os mesmos sentimentos que os outros homens, já que nos basta conceder-lhes uma miserável esmola para nos sentirmos desobrigados com relação a eles” (BEAUVOIR, 2018, p. 9). Fica evidente o tipo de atenção que recebem. Mesmo atividades de lazer, programadas para o público idoso, podem esconder uma tutela da velhice, praticada pelos “reformuladores do fim da vida”, preocupados apenas em dar ocupação – e trabalho – aos “desocupados” e “infelizes”, como se todos fossem tão fortes e saudáveis, como o discurso da “mistificação pedagógica” supõe (HADDAD, 2017).

Em “Viagem a Petrópolis”, a excitação, provocada pela iminência do deslocamento do Rio de Janeiro para Petrópolis (ela passa a noite insone), faz Mocinha se lembrar de coisas praticamente esquecidas, de si, de sua família. A viagem a Petrópolis é a viagem final. A viagem fatal. As lembranças, então, retornam, no final do conto (no final da vida da personagem): “Na rua, de novo pensou em Maria Rosa, Rafael, o marido. Não sentia a menor saudade. Mas lembrava-se” (LISPECTOR, 2016, p. 323). No momento final da vida, quase sem perceber, Mocinha se lembra de seus familiares perdidos. Imperceptivelmente, quer fugir da solidão, deseja companhia. Ela é rejeitada por todos aqueles com quem se relaciona no presente. Se estivesse, agora, no fim da vida, entre os membros de sua desaparecida família? O tempo final da vida (o tempo do envelhecimento e da morte) fragiliza. Assinala Norbert Elias (2001, p. 8): “A fragilidade dessas pessoas é muitas vezes suficiente para separar os que envelhecem dos vivos. Sua decadência as isola”; “Podem” – os idosos – “tornar-se menos sociáveis e seus sentimentos menos calorosos, sem que se extinga sua necessidade dos outros”. Mocinha é bastante sociável; os outros que a isolam – e seus familiares estão mortos.

Em “Feliz aniversário” há vínculo familiar, em diferentes graus, entre Anita e os que a rodeiam, o que expõe ainda mais o problema da velhice no seio familiar:

a indiferença não vem de estranhos, mas de parentes. A personagem Anita não está tão sozinha quanto a personagem Mocinha, porque tem seus filhos, noras, netos, bisnetos e mora com sua filha Zilda. Mas há desencontro entre os parentes: são desunidos e mal se suportam. A correria cotidiana da vida e seus interesses particulares os afastam completamente. A reunião da festa de aniversário não passa de uma obrigação e é, afinal, incômoda. Os parentes não se interessam pela matriarca. E, de alguma maneira, a aniversariante percebe isso, apesar de sua quase indiferença, “posta à cabeceira” da mesa.

Anita e Mocinha sofrem as dores da solidão, da falta de empatia. Elas expressam a situação de muitos idosos que, mesmo acolhidos em um lar, mesmo contando com a presença dos outros residentes, estão isolados. O carinho, o afeto, o cuidado amoroso são raros à maioria dos idosos. Quando alguém se encontra na fase final da vida, na velhice ou em caso de doença, o isolamento e a solidão não fazem bem – e, no entanto, falta companhia; conforto, confiança e afeto fazem falta.

Em “Feliz aniversário”, toda a força da resistência de Anita – ou de sua revolta – se manifesta; provém do rancor: “O rancor roncava no seu peito vazio” (LISPECTOR, 2016, p. 185). Ela reage, repentinamente, à hipocrisia familiar, mas suas avaliações são limitadas, já que são emocionais, imediatas, impensadas – e conservadoras. Observando-se bem, a infeliz Anita é a matriarca comum da família nuclear, disciplinada, convencional, ordeira, habitual. No caso da protagonista de “Viagem a Petrópolis”, que não tem onde morar, sua distração (sua sensibilidade dispersa) a protege um pouco dos golpes sucessivos que recebe ao longo da vida. Já para Anita, que mora com a filha, a proteção talvez seja somente o seu esmorecimento, à cabeceira da mesa de aniversário, seguido de sua reação rancorosa. Se Anita não é rica, pelo menos tem um lar. Mocinha passeia (vaga); mora de favor e acaba posta no meio da rua, entregue à própria sorte – à própria morte.

Os contos abordam o tema da solidão feminina na velhice. As personagens principais são rejeitadas, abandonadas, desprezadas pelas pessoas por simplesmente serem “velhas demais” para o convívio social. As protagonistas perderam o valor humano e ficaram reduzidas a coisas; deixaram de despertar afeto e passaram a ser estorvos; em uma sociedade material e econômica, são vistas como improdutivas e inúteis. Eneida Haddad descreve a condição infeliz dos idosos, a “tragédia do fim da vida”, como resultado de um processo econômico voraz e atroz no qual a dominação e a exploração subjugam o trabalhador, reservando para ele um futuro de sofrimento e pauperização. Para a autora, a geriatria e a gerontologia desconsideram as condições materiais de vida do trabalhador e desenvolvem um discurso sobre a velhice que afinal é desfavorável aos velhos e também injusto, pois, sem base nenhuma, ataca a aposentadoria e defende o trabalho do “inativo” como solução para o seu drama, uma forma de tornar o trabalhador “produtivo” até o fim da vida. A saúde dos velhos é um privilégio imenso, mas, em muitos casos, ao contrário, estão pobres, doentes e necessitados.

O poder de normalização da medicina e sua autoridade para definir a maneira de viver já foram apontados e discutidos em muitos contextos (COSTA, 1979; FOUCAULT, 2001; FOUCAULT, 1985). O discurso médico pode apresentar, com toda a aparente segurança, a solução para o isolamento dos idosos. “O problema começa quando percebemos que a lucidez científica das terapêuticas dirigidas às famílias esconde, muitas vezes, uma grave miopia política”, adverte Jurandir Freire Costa (1979, p. 17), ao discutir o processo de “normalização das condutas e sentimentos” que leva à mudança da família colonial para a família burguesa no Brasil. Sua conclusão é que “Graças a essa tática, a ordem médica criou sua norma familiar” e, com isso, “Tornou possível a exploração do corpo e do sexo de todos aqueles que, oprimindo, se acreditam acima da opressão. De todos aqueles que, extorquindo os oprimidos, nem por isso escaparam à extorsão” (COSTA, 1979, p. 274). Ordem médica e norma familiar são subsidiárias da ordem social.

Todo o desprezo de Anita, a matriarca de oitenta e nove anos, por sua família, vem de uma avaliação fundamentada nos seus valores, que são os valores morais, afinal econômicos, implementados pela ordem familiar e social imposta pelo poder. Ela entende que seus filhos “não passavam de carne de seu joelho”. Pergunta: “Como?! como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos?”. Considera sua vida familiar razoável, pois, como julga, era “a forte, que casara em hora e tempo devidos com um bom homem a quem, obediente e independente, ela respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos e lhe honrara os resguardos”. Pondera que “O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria”. E conclui com uma interrogação: “Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade?” (LISPECTOR, 2016, p. 185).

Michel Foucault (1985, p. 231) aponta, na moral que dirige as consciências em busca do estabelecimento dos regimes de conduta, o “reforço dos temas de austeridade”. Talvez a avaliação negativa de Anita resulte de sua insatisfação com o tratamento que recebe dos filhos, netos, bisnetos e noras. Sua revolta ocorre de repente, num rompante; mas ela fica quase o tempo todo neutralizada, posta à cabeceira da mesa, enquanto acontece a festa insípida, arrastada, quase interminável. Não percebe, afinal, que ela e toda a sua família fazem parte da mesma representação social – política e econômica – e que a organização inclui o disciplinamento das condutas. A família tem função conservadora dentro da ordem. É no cenário do mesmo teatro social que a velhice é relegada à displicência.

5 Solidão social: o tema do envelhecimento em sala de aula

A desolação dos idosos é uma dificuldade humana recorrente ao longo da história e permanece no tempo presente, agravada pela rapidez das transformações atuais, que dá aos mais novos uma sensação de arcaísmo em relação a tudo o que diz respeito aos anciãos. Como ilustra a canção “Velha roupa colorida” (BELCHIOR,

1989, f. 2), o que ontem era novidade, hoje já é antiquado. Com isso, o próprio mundo dos mais velhos vai ficando para trás.

Seja pelo avanço das medidas científicas de tratamento de doenças, pelo crescimento da população, pelo aumento da longevidade ou por outros fatores, o número de idosos tem crescido nas sociedades em geral; no entanto, nem sempre a extensão da vida pode ser comemorada, pois o viver é considerado do ponto de vista econômico e a idade avançada não é tida como positiva, constituindo-se mesmo como aborrecimento, em âmbito familiar, social e político-econômico. O próprio sistema “previdenciário” costuma tratar o idoso como fardo. “O envelhecimento da população é uma realidade em quase todo o mundo. Mas a velhice está em perigo, ameaçada pelo fato de viver mais” (HADDAD, 2017, p. 25). Nota-se que, “para a sociedade, a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar” (BEAUVOIR, 2018, p. 7). Além da solidão dos mais velhos, a morte também se tornou um assunto evitado entre as famílias, sendo tratada como um tabu nas sociedades ocidentais.

Observe-se que a problematização do tema do envelhecimento, com todas as suas implicações, pode ser um ponto de pauta importante no contexto educacional. Considerando a formação de leitores e a prática de leitura na escola, valiosas discussões podem ser feitas a partir do texto literário. As leituras literárias provocam o pensamento crítico. Todos os temas sociais são relevantes e, presentes na literatura, podem ser trabalhados em sala de aula, uma vez que atravessam a vida de todos, de uma maneira ou de outra. Crianças e adolescentes têm tios, avós e até podem ter bisavós ou tataravós. As gerações convivem e os valores do tempo presente vão relegando à desconsideração os dados do passado. A obra de Clarice Lispector, por recorrer bastante ao tema da velhice, é um excelente material para uma abordagem interdisciplinar do assunto, pois possibilita discussão e análise da questão junto aos estudantes.

Nesse sentido, a partir da prática de leitura, o diálogo entre leitores no âmbito escolar pode ser muito proveitoso. A leitura de Clarice Lispector na sala de aula pode gerar debates. O assunto interessa. Os contos “Viagem a Petrópolis” e “Feliz aniversário” apresentam como protagonistas duas idosas que, apesar de pertencerem a classes sociais distintas, acabam tendo o mesmo fim amargo e solitário de abandono na velhice. Para Norbert Elias (2001), a morte se inicia muito antes do momento final, agravada pelo afastamento lento e gradual dos mais velhos e moribundos do espaço social, o que também pode ser discutido a partir de ambos os textos de Clarice Lispector.

No conto “Viagem a Petrópolis”, a percepção dos residentes de que a presença de Mocinha no lar já é excessiva ocorre com certa surpresa (como pôde ter permanecido na casa por tanto tempo?):

Todos lá eram muito ocupados, de vez em quando surgiam casamentos, festas, noivados, visitas. E quando passavam atarefados pela velha,

ficavam surpreendidos como se fossem interrompidos, abordados com uma pancadinha no ombro: “olha!”. Sobretudo uma das moças da casa sentia um mal-estar irritado, a velha enervava-a sem motivo (LISPECTOR, 2016, p. 317).

O desgaste só vai crescer. É como se a senhora, simplesmente por existir, gerasse embaraço aos membros da família que lhe acolhe distraidamente. Tal dificuldade é explicada por Norbert Elias (2001) pelo fato de os jovens não se identificarem com velhos e moribundos, distanciando-se e evitando o contato direto com eles. A juventude, muitas vezes, por seu vigor característico, traz a ilusão de imortalidade, logo os mais velhos acabam isolados pelos novos, por remeterem à fragilidade e à finitude da vida. Simone de Beauvoir (2018, p. 10) também aponta esse estranhamento com os mais velhos, já que, segundo ela, “antes que se abata sobre nós, a velhice é uma coisa que só concerne aos outros”.

Não é incomum, dessa forma, que os idosos, em festas familiares, quando presentes, fiquem sempre sentados a um canto, isolados dos demais. Mesmo estando ali, não há integração para eles. Todos falam, mas ninguém quer parar para ouvi-los, muitas vezes por se tratar sempre das mesmas histórias (importantes para quem as conta, mas cansativas para aquele que ouve). Norbert Elias comenta que a morte, seus elementos, seu drama e todas as pessoas ligadas a ela (como velhos e moribundos) vão sendo expulsos para os bastidores da vida, restando uma experiência solitária e desassistida para os mais velhos. Ainda segundo Norbert Elias, em outros períodos históricos, como na Idade Média, a temática fúnebre, contrariamente, tomava mais espaço no âmbito social, no dia a dia, pois a expectativa de vida menor e piores condições de saúde e tratamento tornavam a morte muito mais presente e mencionada, inclusive em conversas com as crianças e nas artes, de modo geral. A morte era muito mais notória, pública e frequente, tornando-se, assim, bem mais aceita. A morte não era ocultada nem dissimulada.

No conto “Feliz aniversário”, pode-se perceber que Anita, apesar de ter melhores condições de vida que Mocinha (a qual nem familiares tinha), vive, do mesmo modo, o abandono familiar, mais sutil, mas também dilacerante. Ela, que mora com a filha Zilda, só vê parte dos outros familiares quando completa anos.

Nos dois contos, Clarice Lispector apresenta o tema da pessoa idosa como estorvo, como um peso para os mais jovens e para a família, perspectiva muito presente na cultura ocidental. Essa maneira de ver as coisas pode ser explicada pelo modelo econômico exploratório que a todos subordina: “o material humano só interessa enquanto produz” (BEAUVOIR, 2018, p. 11). Em decorrência de condições financeiras, de doenças e demais agravantes para a saúde, são poucos os idosos que conseguem ter uma boa qualidade de vida e “envelhecer bem”. A maioria necessita de cuidados especiais e, principalmente, de afeto e atenção; porém o que ocorre, muitas vezes, é que a família, pela rotina estressante e cheia de afazeres, acaba deixando os mais velhos de lado, isolando-os e, conseqüentemente, deixando insatisfeitas suas necessidades de convivência e amor – e tudo

piora quando a pessoa idosa é pobre. É muito comum a dificuldade, ou mesmo o desinteresse, da família de cuidar bem dos mais velhos, abstendo-se, muitas vezes, da responsabilidade; se o idoso sofre privações, somam-se essas angústias aos apuros da idade. Na história de Mocinha, que não tem parentes que lhe valham, isto é ainda pior: quando o grupo entende que não tem responsabilidade com ela, por não haver laços familiares, a pobre senhora é simplesmente descartada; depois, outra vez é recusada, na casa que seria o seu novo lar; em conclusão, resta a ela apenas a rua, o desamparo e o fim.

Apesar de ter parentes, Anita vive uma situação semelhante. Seus parentes só a visitam em seu aniversário, deixando a senhora sob os cuidados somente da filha Zilda, o que visivelmente a sobrecarrega: “ninguém se lembrando de que ninguém havia contribuído com uma caixa de fósforos sequer para a comida da festa que ela, Zilda, servia como uma escrava, os pés exaustos e o coração revolto” (LISPECTOR, 2016, p. 183). É comum que a responsabilidade de cuidar de um ente idoso fique apenas para um dos filhos, normalmente para uma mulher, ou somente para uma parte da família, o que acaba por gerar conflitos em relação ao cuidado devido.

Outra questão que se pode destacar é o sentimento de dor dos idosos quando percebem a falta de afeto e a superficialidade das relações familiares. No conto “Feliz aniversário”, a aniversariante reage e, em sua cólera, vê os membros de sua família como “ratos” (LISPECTOR, 2016, p. 185). Simone de Beauvoir apresenta explicações para essa revolta, comum, dos idosos. Para a autora, “o velho permanece em atitude de defesa, mesmo quando todas as garantias de segurança lhe são dadas, porque não tem confiança nos adultos”, pois “teme que lhe façam favores em nome de uma moral convencional que não implica respeito nem afeição por ele” (BEAUVOIR, 2018, p. 519). E, como se pode perceber no conto, esse é o caso da idosa, a qual, pela falta de proximidade, ganha na despedida dos parentes, que só a visitam quando ela faz aniversário, “um beijo cauteloso de cada um como se sua pele tão infamiliar fosse uma armadilha” (LISPECTOR, 2016, p. 188).

São questões sociológicas, psicológicas, existenciais. A velhice faz ou fará parte da vida de todos. Todos convivem ou conviverão com um idoso. Todas as pessoas envelhecem, caso a morte não as surpreenda antes. O afastamento, o abandono dos idosos e mais frágeis, é resultado, em boa medida, do medo da morte. Simone de Beauvoir (2018, p. 244) reafirma esse apontamento ao dizer que “a velhice inspira uma repugnância biológica; por uma espécie de autodefesa, nós a rejeitamos para longe de nós”.

Todo um sistema de defesa (de crenças) é adotado para dar alívio à ideia do fim da existência: normalmente a figura do velho remete à decadência física (e mental), à qual, no entanto, todos estão destinados. Segundo Norbert Elias, o fato de naturalmente perder entes queridos na infância acaba por afetar, de certa maneira, a relação do indivíduo com a morte, induzindo-o a negar sua existência e, por isso, a evitar falar sobre ela. Como consequência disso, muitos não conseguem lidar com

velhos e moribundos, pois isso também implicaria aceitar a ideia da própria morte. A convivência com pessoas em estágios mais avançados de velhice e de doença pode acabar por agravar ainda mais as fantasias inconscientes de imortalidade.

O modo de vida social, de acordo com Norbert Elias, também está condicionado por este padrão de pensamento. Ao longo do tempo, o indivíduo adquire cada vez mais previsibilidade de sua saúde, com a ajuda de um conjunto de medidas médicas (tecnologia medicinal, precisão dos remédios, leque de vacinas etc.) e sociais (saneamento básico, água tratada etc.). Com esses controles, a morte tornou-se algo cada vez menos presente no cotidiano, em comparação com o passado. A relativa segurança social, que se adquiriu, diminuiu cada vez mais a necessidade de uma pessoa lidar com a morte, o que, por sua vez, implicou uma maior dificuldade de se conviver com a fase final da vida.

Hoje, o desconforto em lidar com o tema é grande; acaba-se por tentar esconder das crianças a morte de um parente, reforçando, indiretamente, a ideia de que a morte é algo a ser temido, uma espécie de tragédia inaceitável e não um acontecimento natural da vida. O livro de Norbert Elias ainda mostra como as pessoas desenvolveram formas cada vez mais eficientes e inodoras de lidar com os cadáveres, delegando essa tarefa a pessoas especializadas, o que, segundo ele, afasta ainda mais os familiares na hora da morte. No final das contas, tenta-se criar formas mais eficazes de postergar e evitar o fim, temido por todos – até o extremo da negação.

De acordo com Simone de Beauvoir (2018, p. 11), “o fato de que um homem nos últimos anos de sua vida não seja mais que um marginalizado evidencia o fracasso de nossa civilização”, pois assim que os mais velhos se tornam improdutivos para o sistema econômico, são destinados ao isolamento. Isso indica todo um impasse social: a função econômica da pessoa vale mais que a própria pessoa.

Temas tão evitados, como envelhecimento, isolamento e morte surgem na ficção de Clarice Lispector. A leitura de seus textos, no contexto educacional, pode gerar análises e discussões muito pertinentes. Muitas vezes o amparo de que o mais frágil precisa é comunicação e afeto, mas os mais jovens se sentem embaraçados ante essa possibilidade, não sabendo como lidar com essas pessoas, nem o que dizer a elas. A discussão do problema, a partir de leituras literárias, pode ser o começo do caminho de busca de compreensão do problema e de esforço por bem-estar e conforto social.

Leitura e pensamento (Considerações finais)

O prolongamento da vida, nas sociedades, acaba sendo um problema, porque não existe uma responsável preocupação política e econômica com os idosos, que acabam sendo vistos como improdutivos, inativos e até inúteis, num contexto de preocupação material em que o lucro é que é sempre a meta principal, sendo o ser humano apenas uma ferramenta de produção e objeto a ser explorado. Assim, a

própria previdência social é imprevidente, pois encara o idoso como carga financeira para o Estado.

Os contos “Feliz aniversário” e “Viagem a Petrópolis” são apropriados para leituras e discussões em todos os níveis escolares, pois podem estimular pesquisas e reflexões sobre problemas que atingem todos, de uma maneira ou de outra. A ficção de Clarice Lispector, por constituir-se de uma reflexão existencial, que abarca vários aspectos sociais, políticos e econômicos, fortalece a literatura como instância de pensamento, pois convida ao exercício crítico.

Assim, a leitura de “Viagem a Petrópolis” e “Feliz aniversário”, em sala de aula, pode proporcionar reflexão, pesquisa e discussão sobre um problema da maior importância: a vida – a vida e suas dimensões plurais, constituídas de fatores, como política, economia, trabalho, sociedade, família, subjetividade, envelhecimento e morte.

FINAL INSULATION: AGING AND DEATH IN TWO SHORT STORIES BY CLARICE LISPECTOR

Abstract: Human aging is discussed based on two short stories by Clarice Lispector, “Feliz aniversário” and “Viagem a Petrópolis”. The theme of both stories – the aging – has a great importance in the literature history and appears in myths, songs, poems, plays and narratives. In the article, aspects that accompany the aging process are highlighted – senses restrictions and body movements, social isolation and loneliness. In the course of the work, the characters Anita and Mocinha help to punctuate issues such as memory and family relationships. In the theoretical scope, authors such as Jurandir Freire Costa, Erving Goffman, Simone de Beauvoir, Eneida Gonçalves de Macedo Haddad, Marco Túlio Cícero, Michel Foucault and Norbert Elias are taken as references. It is proposed that the theme of aging be taken to the classroom, a place where important reflections on this drama can be made, at all education levels.

Keywords: Clarice Lispector; Education; Life; Aging; Death.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução: Maria Helena Franco Martins. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BELCHIOR. *Alucinação*. Produzido por Mazola. São Paulo, Polygram, 1989. 1 CD (LP lançado originalmente em 1976).

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: história de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

CÍCERO, Marco Túlio. *Saber envelhecer; Lélío ou a amizade*. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2021.

- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- ELIAS, Norbert. *A Solidão dos moribundos*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. *A Ciranda das mulheres sábias*. Tradução: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- EURÍPIDES. *Alceste; Medea; Hipólito*. Introducción y notas: Antonio Guzmán Guerra. 3. ed. Madrid: Alianza Editorial, 2015.
- FERREIRA FILHO, Benjamin Rodrigues. *A confraria dos bibliófilos: leitores e livros na ficção de Rubem Fonseca*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Línguas e Letras. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 1999.
- FONSECA, Rubem. *Lúcia McCartney*. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- FONSECA, Rubem. *Romance negro e outras histórias*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. Edição estabelecida, sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Valerio Marchetti e Antonella Salomoni. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. 20. ed. Tradução: Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução: Maria Célia Santos Raposo. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GUILHADE, João Garcia de. Ai dona fea, fostes-vos queixar. In: Lopes, Graça Videira; Ferreira, Manuel Pedro et al. (2011-), *Cantigas Medievais Galego Portuguesas* [base de dados online]. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. [Consulta em 28/02/2023]. Disponível em: <https://cantigas.fcsn.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1520>.
- HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. *A ideologia da velhice*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.
- HOLLANDA, Chico Buarque de. *Chico Buarque de Hollanda: volume 3*. Direção de Gravação: Benil Santos. Coordenação: Roberto Colossi. Barueri, SP: RGE, 1997. 1 CD (LP lançado originalmente em 1968).
- LESAGE, Alain-René. *História de Gil Blas de Santillana*. Tradução: Bocage. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *Todos os contos*. Organização: Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. Organização e introdução: Osvaldo Coggiola. São Paulo: Boitempo, 1998.

MONICELLI, Mario (Diretor). *Parente é serpente*. São Paulo: Versátil Home Video, 1992. 1 DVD.

RAGUSA, Giuliana; BRUNHARA, Rafael (Organização, introdução, tradução, comentários e notas). *Elegia grega arcaica: uma antologia*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Araçoiaba da Serra, SP: Mnema, 2021.

RIBEIRO JUNIOR, Wilson Alves (Edição e organização). *Hinos homéricos: tradução, notas e estudo*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SAMPAIO, Sérgio. *Eu quero é botar meu bloco na rua*. Direção de produção: Raul Seixas. Remasterizado a partir das fitas originais por Ricardo Garcia sob a supervisão de Charles Gavin. São Paulo: Universal Music, 2001. 1 CD (LP lançado originalmente em 1973).

SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Recebido em 22 de março de 2023

Aceito em 30 de abril de 2023